NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

MENSAGEM — Augusto Linhares — Philobiblion — Rio de Janeiro — 1956. — Linda e tocante essa Mensagem de Augusto Linhares, escrita como preito seu e de seus irmãos, para se associarem às festas jubilares do Ministro José Linhares, ao término da sua carreira de magistrado, as quais constituiram uma consagração ao Juiz Perfeito, por parte dos seus pares, por ocasião da despedida da egrégia Côrte.

Num rapto brilhante de eloquência, escreveu Augusto Linhares: — «Cumpristes serena, severamente, apostolarmente a lei em tôda a sua plenitude solar e heróica majestade. E dentro nesta órbita rutilante se podia repetir aquela mesma imagem geométrica aplicada a Ruy Barbosa: — «traçastes uma reta entre o Direito e a Justiça».

Realmente, a preclara figura dêsse magistrado culto e retilineo ganhou os contornos singulares de um varão plutarquiano ao penetrar os umbrais da História, sem a menor sombra na consciência de homem de bem. Presidente quatro vêzes do Supremo Tribunal Federal, soube impor-se à estima e respeito da Nação, pela compostura e dignidade com que se houve em todos os lances da sua vida pública e privada, chegando a elevar-se à Presidência da República, num momento de grave perturbação da vida nacional, mantendo-se, tranquilamente, numa linha de conduta que teve um alto sentido histórico, cuja apreciação um dia se fará com a necessária imparcialidade e justiça, pondo-se em realce os seus relevantes serviços prestados ao Brasil, naquela difícil conjuntura. O govêrno provisório, cuja presidência lhe coube, teve a importante missão de iniciar a restauração da ordem politica e jurídica conturbada pela decomposição da ditadura, realizando eleições que foram qualificadas pelo então Embaixador dos Estados Unidos da América, Adolfo Berle, como as mais livres que já assistira.

O Ceará deve ufanar-se dêsse filho que foi uma sequência da constelação de vultos que tanto honraram as nossas tradições.

Nessa **Mensagem** de Augusto Linhares, improviso num surto de emoção incontida, está a vibração de uma grande inteligência e delicada sensibilidade de poeta, escritor e esteta, cujo olhar se estende para o alto, na contemplação das cousas infinitas.

Finaliza a sua formosa oração assim: — «E fala-vos, principalmente, aquêle que, se aqui estivera, sem dizer palavra, vos diria tudo, chorando de alegria: Francisco, meu Pai, nosso Pai, honra lhe seja, o maior no seu honrado labor — a Lavoura — Francisco Alves Linhares».

Sim. Francisco — o grande Semeador — Francisco Alves Linhares que, se ainda vivo, choraria efetivamente de alegria, silenciosamente, no diálogo interior das cousas mudas, porque há momentos em que a palavra é quem menos fala, pela impossibilidade de traduzir a emoção recôndita e o sentimento profundo, que têm o condão das lágrimas.

MENSAGEM é uma pequenina joia de subido valor. — **M. L.**

FLAGELADOS DE 1ª CLASSE — Nanges Campos — Fortaleza — 1956. — Com a publicação dêsse seu primeiro livro, revela-se Nanges Campos um escritor dos mais auspiciosos.

Saindo da sua ingênita modestia e timidez. por fôrça do estimulo recebido de intelectuais conterrâneos, o autor traz ao nosso meio literário o penhor das melhores esperanças, pelo muito que poderá produzir doravante, para proveito das nossas letras.

A vivacidade e senso psicológico com que pinta os episódios da sêca de 1932, traçando, com fidelidade, o panorama convulsivo da calamidade climatérica que periòdicamente nos assola, em consequência das estiagens inclementes, dão excelente amostra do pulso de um romancista que possui condições para vencer e impôr-se à estima de todos.

É realmente a revelação de uma formosa inteligência que se escondia na renúncia e desambição, dona de si mesma, rica de sensibilidade e seiva criadora, que vem à luz para alinhar-se entre os romancistas da chamada Literatura das Sêcas, com Rodolfo Teófilo e Domingos Olímpio à frente.

«Flagelados de 1.ª classe» — afirma Luís da Câmara Cascudo, numa página magnifica de critica — não revela apenas um observador excelente e um delicioso fixador da paisagem social que o ambientou. Evidencia um estilo novo, claro e ágil que envolve e seduz leitura e admiração para um estado perfeito de consagração afetuosa. Depois do que se traduz no seu romance a impressão lógica é dizer que o seu autor assumiu tácito e natural compromisso de não admitir solução de continuidade na obra que iniciou, seguro e lépido. Há, também, com tinta expressiva e nobre, uma informação verídica, no plano da história, dando aos personagens a movimentação da credibilidade simpática».

Felicitando Nanges Campos pela sua alvissareira estréia, esperamos que não esmoreça e continui a bem servir à literatura pátria com obras de melhor porte e substância. — **M. L.**

RASTOS DAS HORAS — Paulo Aragão — Fortaleza — 1956 — Paulo Aragão não é sòmente o poeta de «Passos sem Destino» que todos estimam, pela inteligência e beleza de inspiração. É também um prosador disserto e elegante, dispondo do instrumento de uma boa linguagem a serviço de uma cultura geral. Com capacidade para o debate das idéias, o autor de «Rastos das Horas» aborda, com agilidade, os mais variados assuntos, sabendo pôr em tela os seus temas e discuti-los com visão segura e firmeza de convicção.

Nesse volume se encerram diversas crônicas de fino lavor literário, que se lêm com agrado do começo ao fim, ficando-se com a impressão dêsse belo espirito que sabe dizer o que sente, com a delicadeza de um poeta e a sensibilidade de um esteta. — **M. L.**

SOL SÔBRE VIDRAÇA — Amora Maciel — Edição da Gráfica Laemmert Limitada — Rio de Janeiro — 1955. — Nesse volume, de capa lindamente ilustrada por essa artista emérita que é Sinhá d'Amora, enfeixa o autor as suas melhores composições poéticas, denunciadoras de uma indole sensível aos transportes líricos, que, na sua inquietude de pintassilgo amoroso, arranca do coração os mais delicados gorjeios, à luz das emoções mais puras.

O poeta canta com fluência e naturalidade, traduzindo os seus sentimentos, com efusão de alma e fôrça de imaginação, que o fazem descer a fundo ao pensamento, à contemplação das cousas superiores da vida e da natureza.

Na trova popular, por exemplo, é que êle mais se expande belamente, dando-nos páginas cativantes, pelo jôgo das imagens e elevação de conceitos. Efetivamente, é, nêsse difícil gênero, que os poetas se fixam na alma do povo, conseguindo, muitas vêzes, numa simples quadra ou numa pequenina estância, encerrar um mundo de filosofia.

Amora Maciel tem queda para isso e, pela dextreza mental no trato das idéias, é de ver firmar-se em vôos felizes. Outras composições enriquecem o livro, mostrando-se, particularmente, o bardo romântico e trovadoresco que faz da poesia a linguagem do coração. — **M. L.**

TERRA DA LUZ — Filgueiras Lima — Livraria Freitas Bastos S. A. — Rio de Janeiro — 1956 — Mais um excelente livro de poemas lança a lume o poeta conterrâneo Filgueiras Lima.

Desta vez, vem impregnado de amor à terra natal, cantando-lhe a vida, no que tem ela de mais característico, cativante e grandioso.

A poesia dessa alma anacreótica tem amavios singulares. No seu estado de graça, a inspiração lhe dá o toque mágico do infinito, no vôo com que se eleva, em êxtase, às regiões consteladas do sonho e da cisma, no milagre da inspiração.

O poeta não é um versificador. Transcende o espaço que limita os seus arrebatamentos, para expandir os remigios livremente e subir aos intermûndios das suas emoções e pensamentos, exaltando as plagas natais, na luminosidade da sua epopeia de dor e de glória.

São cânticos panegiricos de intensa vibração patriótica, onde sobrepaira a ressonância da lira de um verdadeiro poeta, que traçou o seu destino, ainda, criança, quando quiz pegar as estrêlas com as mãos, com a ingenuidade das criaturas inocentes.

À poesia que abre o volume — «Ceará» — é um hino ao seu drama de sofrimento e heroismo, «pompeando em glória, iluminado pelo amor, pelo exemplo, na transfiguração de sua dor». Outras belas composições como — «Ode aos Jangadeiros», «Banda de Música», ««O Homem que ha-de vir», «Poema de Amor do Brasil», «Benvinda Seja», «Hino da Liberdade», «A Enchente», «Titã», «Orós», «Chove no Ceará»; «Lagoa de Iguatu» e outros que são, paisagens nitidas onde se espelha a imagem da nossa gleba, em seus maiores anseios e palpitações.

Êsse livro deve ser lido como um catecismo cívico nos momentos de contemplação e de prece, quando precisamos de um banho lustral para as nossas almas sedentas de poesia e de enternecimento. — **M. L.**

ORTOGRAFIA DA LINGUA PORTUGUÊSA — Clóvis Monteiro — Rio de Janeiro — 1955. — Nêsse magnífico volume, nosso eminente conterrâneo professor Clóvis Monteiro faz uma explanação cabal da questão ortográfica, esclarecendo os pontos mais controvertidos.

Não é uma questão fácil como parece à primeira vista; mas, difícil e complexa. As suas peculiaridades exigem o exame dos doutos e especializados na matéria, como acontece com Clóvis Monteiro, cuja vida dedicada ao estudo do nosso vernáculo e proficiência no magistério constituem prova segura da sua auturidade que se impõe ao respeito de mestres da sua envergadura.

Catedrático de Português do Colégio Pedro II e do Instituto de Educação do Distrito Federal, de lingua Portuguêsa da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica do Rio de Janeiro, Clóvis Monteiro é um educador de alto prestigio, pela competência comprovada no trato de muitos anos de professorado.

Êsse seu novo livro é um tratado precioso para os que desejam um roteiro certo nos domínios da simplificação ortográfica. Livro de leitura utilissima, indispensável aos estudiosos do problema.

Clóvis Monteiro honra bem a cultura do Ceará na metrópole brasileira, como guardião do contingente intelectual sempre dado à formação da nacionalidade. — **M. L.**

CRIANÇA, AMOR — Sidney Neto — Fortaleza — 1956. — Essa elegante brochura encerra belas composições poéticas, em homenagem especial ao «Nosso Lar», tendo por tema a — Criança — numa exaltação cheia de meiguice e delicadeza. Sidney Neto soube tirar, com muita felicidade, de sua lira, os mais ternos ritmos, com a inspiração sempre pronta a atender os reclamos do coração.

É um volume que se lê com efusão de alma, porque toca à sensibilidade, com estranha fôrça de sentimento. — **M. L.**

AVES SÔBRE O MAR — Alberto Ruiz — Rio de Janeiro — 1952. — Alberto Ruiz é uma dessas almas nascidas para o sonho e a poesia. Velho companheiro nosso de vida burocrática, na Alfândega do Rio de Janeiro, a despeito da sua dedicação ao serviço público, não se perdeu nos meandros tarifários e viveu duplamente, fiel às suas inclinações espirituais e ao cumprimento rigoroso dos deveres funcionais.

É um poeta da velha guarda, que firmou os seus créditos literários, com a publicação, em 1928, de — «Poemas» — quando se demonstrou o bardo inspirado, tão bem dotado de inteligência e cultura. Depois disso, deu a lume vários outros trabalhos como — «Comédias», «O cometa Halley no nascimento de Cristo», «Lendas Paraenses», «Notas de Arte» e outros, sem embargo de — «Sugestões à repressão do contrabando», 1928, julgado, então, um dos melhores no gênero...

Mas, o poeta é que, no momento nos interessa mais. Êsse seu último livro abre, à guisa de prefácio, com um longo estudo sôbre a Poesia e a Arte, encaradas em seus múltiplos aspectos, com pontos de vistas pessoais que lhe definem a individualidade como pensador e esteta. O seu verso é sempre aquêle êxtase em face do belo na Natureza, no arroubo de um estro impelido por uma imaginação vibrátil a serviço das emoções mais delicadas. A forma clássica dos sonetos conserva a pulcritude dos sentimentos que se não aventuram a saltos mortais. Conservador por temperamento, não se deixa estagnar no ramerrão acomodatício; antes, libra-se livremente ao sabor do seus sentimentos, com a naturalidade dos sêres simples e sinceros, sem artifícios de qualquer espécie ou ânsia de cousas novas. Não é um parnasiano absorvido pelo capricho da forma, cousa inteiramente obsoleta, entre nós; sadio sôpro lírico anima-lhe as estrofes, dando-lhe frescura e vivacidade. Sem ser modernista, liberto dos preceitos métricos, é um poeta atual, vigoroso e contemporâneo, fora dos contubérnios. — **M. L.**

FREI PEDRO SINZIG — O. F. M. — Leonila Linhares Beuttenmuller — Vozes — Rio de Janeiro — 1955. — Tocante homenagem prestou nêsse volume Leonila Linhares Beuttenmuller ao notável homem de letras e musicista Frei Pedro Sinzig, falecido, na Alemanha, a 8 de dezembro de 1952. O que foi a ação dêsse famoso sacerdote no Brasil, durante muitos anos, desde quando, muito moço, saiu das margens do Reno para as plagas baianas, só os que o acompanharam nas múltiplas manifestações da sua mentalidade superior, poderão aquilatar, com exatidão e justiça. No romance, no jornalismo, na polêmica, na tribuna sacra, na musica, nas artes, foi um luzeiro de intensa projeção. Deve-lhe nosso pais relevantes serviços. A sua obra musical compõe-se de mais de oitenta e cinco composições das mais variadas, inclusive compêndios de cantos sacros, de grande aceitação. Numerosos romances e contos, livros instrutivos e livros religiosos, além de publicações periódicas, que êle dirigiu, como «Vozes de Petrópolis», «Orbe Seráfico» e outros, constituem o seu opulento acêrvo literário e artistico.

Frei Pedro Sinzig naturalizou-se brasileiro, logo ao chegar ao Brasil. Integrou-se inteiramente na vida da nossa pátria, onde viveu a maior parte da sua existência, associando-se a todos os movimentos de letras e artes operados entre nós.

Daí porque o seu desaparecimento constituiu uma perda irreparavel. O preito que lhe foi prestado nêsse volume merece os aplausos dos que amam os belos espiritos. Êsse culto tem a unção de um sentimento religioso. — **M. L.**

NOVAS FRASES — OUTROS PENSAMENTOS — Eduardo Girão — Fortaleza — 1955. — Êsse livro é a continuação de — «Ao Léu dos Dias», já em 2ª edição — em que Eduardo Girão recolhe a messe opima dos seus últimos escritos. O êxito do primeiro volume, recebido com justos aplausos, animou-o a prosseguir na sua obra de pensador e esteta. O emérito professor da nossa Faculdade de Direito, homenageado pela Universidade do Ceará, como tal, há pouco tempo, mestre de tantas gerações, — é figura conspícua nos domínios da cultura nacional, pelo variado saber e inteligência requintada.

Nos seus livros de pensamentos e reflexões há uma fonte de água viva para os sêres sequiosos. Remanescem nas suas páginas a alma preclara dos lidimos moralistas, que não envelhecem, porque as sementes plantadas florescem e frutificam, sem hibernação.

A família dos La Rochefoucauld, dos Vauvenargues e dos Matias Aires sobrevive na perenidade da sua glória, com livros como êsse de Eduardo Girão que hão de ficar como breviários para a meditação de tôdas as horas. Com a sua leitura, na multiplicidade dos assuntos, vamos achar definidos estados de espírito que emudeciam no fundo do nosso pensamento. As idéias cristalizam-se em sínteses felizes e os conceitos afloram em nosso sentimento como rosas de fina sensibilidade, traduzidos em linguagem grácil e ritmicas que denuncia o poeta que nêle se esconde, sem conter o vôo do estro alcandorado. — **M. L.**

POEMAS DA MINHA TERRA — Byron de Oliveira Freire — Fortaleza — 1954 — Nêsse volume enfeixa o autor uma coleção de versos, de feição regionalista, como o próprio titulo indica. O motivo principal dos seus poemas é o amor à gleba ibiapabana, onde se encrava — São Benedito — terra de seu nascimento. Os seus sonetos, feitos à moda clássica, têm ritmo e cadência e libram-se num impulso de inspiração serena e harmoniosa, animados de efusivo sentimento nativista. Louvável é, pois,a orientação de exaltar os encantos da sua terra, em vez de procurar, fora do mundo em que vive e alheio das impressões recebidas da natureza ambiente, temas estranhos de paragens longinquas. Canta o poeta — **A Flor do Maracujá, a Oiticica, Carro de Bois, Pau-darco, a Araponga, a Juriti serrana, São Benedito, a Bica do Ipu** e tudo quanto de mais característico há no seu rincão. Outras composições, de metro livre, seguem o mesmo rumo, demonstrando sempre a sua dedicação pela graciosa Ibiapaba, que lhe fica a dever tão cordial homenagem de afeto. — **M. L.**

TREVO DE QUATRO FÔLHAS — Cândida Maria Santiago Galeno, Otilia Franklin, Nivea Leite e Elizabeth Barbosa Monteiro — Fortaleza — 1956 — Mais uma excelente publicação da revista «Jangada», da «Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno», vem mostrar a atividade intelectual dêsse núcleo de cultura de nossa capital.

Cândida Maria, Nenzinha Galeno como é conhecida e apreciada, abre o

volume com o formoso conto — **Presença** — cheio de movimento e vibração. Sua pena ágil dá-nos, a seguir, — **A Filha, Encontro de Inverno e Presente de Festas** — que é o sinal de um temperamento artistico que se impôs à estima de todos.

Otilia Franklin, com o mesmo garbo, apresenta-nos — **Um vagabundo que toca em surdina, Seu único Filho, Carnaubal cantante** e **Menino do Elevador** — mostrando a delicada sensibilidade de uma inteligência que sabe dar vida e impulso aos seus personagens, dentro do mundo das suas imagens e emoções de poetisa de estro espontâneo e feliz.

Nivea Leite, com ser também poetisa e contista, alia os seus dotes intelectuais, nos múltiplos aspectos dos seus escritos. O estro poético dá à prosadora harmonia e equilibrio, no donaire das suas narrativas.

Em Elizabeth Barbosa Monteiro há, também, por seu turno, uma indole literária das mais apreciáveis, comprovada pelas composições que nos oferece, confirmadoras de uma escritora de graciosa imaginação, mercê de aguda observação. Bastaria — **A Carta Fatal** — no desenvolvimento das figuras que se entrelaçam, na urdidura das cenas, para testificar a gracilidade da sua inteligência.

O volume muito recomenda essa falange de mentalidades femininas que florescem e frutificam à sombra do glorioso solar de Juvenal Galeno. — **M. L.**

ANTOLOGIA — Poetas da Academia Pernambucana de Letras — organizada por Mariano Lemos — Recife — 1956. — Como contribuição às solenidades do Tricentenário da Restauração Pernambucana do domínio flamengo, a Academia Pernambucana de Letras fêz publicar êsse notável volume com mais de 300 páginas, organizado com critério e competência pelo acadêmico Mariano Lemos, poeta e escritor de renome.

Trata-se de um trabalho de suma importância para as letras brasileiras, porquanto constitui a realização de uma boa parte do grandioso plano que o ilustre sodalício se propôs levar a efeito no sentido da publicação da História Geral da Literatura de Pernambuco.

Mariano Lemos merece palmas por ter levado a cabo, de modo tão brilhante, a tarefa que lhe coube. Deu-nos o poeta de «Fôlhas do meu Outono» o panorama perfeito da história da poesia da terra gloriosa de Joaquim Nabuco. — **M. L.**

ITAYTERA — Ano 2 — Nº 2 — Crato — 1956. — Essa revista é órgão do «Instituto Cultural do Cariri», que dá bem o indice dos valores mentais que se congregam na formosa cidade do Crato, num movimento de expressiva significação. Ali, registraram-se os maiores cometimentos civicos da nossa História; dali sairam os vultos mais ilustres nos vários setores da nossa atividade literária e artistica; dali nos vem um sôpro de vitalidade sempre renovada aos nossos esforços para a marcha ascensional do nosso Estado. «Itaytera» é a demonstração do que vale a nova geração que ali se movimenta para a realização de uma obra admirável de cultura.

«Um dos pontos principais do nosso programa de ação do «Instituto Cultural do Cariri» — diz o editorial — é o contacto com os intelectuais caririenses, disseminados por êste Brasil afora. É a voz da terra que conclama a todos para o trabalho comum do seu engrandecimento. Não queremos, no entanto, fazer obra de regionalismo estanque. Pugnamos, sem desfalecimento, para o alevantamento moral, intelectual e material da região, dentro do Estado, da Nação e mesmo da Humanidade, aos quais estaremos presos por laços indestrutiveis e, agora, mais cimentados, nesta época de sofrimentos coletivos».

Efetivamente, valioso serviço prestará à interlândia nordestina, de que o Crato é o centro principal, êsse Instituto que se dispõe a tudo fazer pelo seu desenvolvimento e progresso, num surto de renovação promissor e benéfico à consecução dos seus desideratos.

A colaboração é das melhores. Abrilhantam-lhe as páginas as penas de José Alves de Figueiredo, Padre Antônio Gomes de Araújo, Pinheiro Monteiro, Celso Gomes de Matos, Moacir Gondim Lóssio, Raimundo Lucena, Moacir Mota, José Bezerra de Brito e outros, que fazem desta bela revista um órgão de expansão da vida caririense, em seus mais nobres anseios. — **M. L.**

EUROPA, 1955 — Uma vintena de crônicas e algo mais — Carlos da Silva Araújo — Rio, 1956 — Carlos da Silva Araujo reuniu em volume várias crônicas, escritas em forma epistolar e dirigidas à Academia Carioca de Letras, de que é membro conspicuo.

Através das suas páginas o autor dá-nos as impressões de sua viagem à Europa, em 1955, abordando os mais diversos temas, a que empresta a delicadeza da sensibilidade do seu lidimo temperamento de artista, servido por uma vocação intelectual das mais distintas. Dois enternecidos preitos rende a Heitor Beltrão e Cláudio de Sousa, desaparecidos durante a sua ausência, recordando-lhes a vida e a obra literária e jornalistica, com fundo sentimento de saudade. Fala também de Carmen Miranda. Lembra os seus êxitos iniciais no Rio, nos começos de 1930. Suas representações no Casino da Urca e várias vitórias na sua carreira tão conhecidas e aplaudidas no Brasil. O seu sucesso internacional devido a um americano que a descobriu na Urca e que a levou para os Estados Unidos, que lhe deram fama universal. O livro prende o leitor que viaja também através da leitura com o autor por tôdas as paragens de encantamento por onde pervagou, com observação arguta e inteligência rútila. — **M. L.**

HISTÓRIA DO PALACIO ITAMARATY — Gustavo Barroso — Rio de Janeiro — 1956. — Enriquecendo as letras históricas do pais, o acadêmico Gustavo Barroso acaba de publicar a «História do Palácio Itamaraty», sob os auspicios do Ministério das Relações Exteriores.

O volume em aprêço é apresentado em ótimo papel e contém excelentes ilustrações, inclusive a côres.

Em seis capítulos — «A Família e o Título». «O Palácio na História», «Rio Branco e o Itamaraty», «A Projeção Internacional do Itamaraty», «O Corpo e a Alma do Palácio» e «A Tradição Administrativa» — o consagrado autor fêz obra valiosa e duradoura, com o fulgor da sua pena.

As origens da ilustre familia da Rocha Leão, vinda do velho reino de Portugal, a sua ascensão à nobreza do Brasil, a construção do famoso palácio, os acontecimentos de relêvo que tiveram como cenário as paredes dêsse próprio nacional, a atuação genial do grande Chanceler Barão do Rio Branco à frente do Ministério do Exterior e o esplendor da sua época, o significado do Itamaraty através dos tempos, a contribuição de outras figuras patricias na elevação do conceito da diplomacia brasileira, as glórias pretéritas e presentes dessa casa do espirito são passadas em revista, em páginas eruditas e de primoroso estilo.

Não é livro de exaltação de fatos e apologia de antigos servidores da pátria comum, escrito apenas por amor à beleza literária, porém de pesquisa, interpretação e, consequentemente, de justiça a pró-homens que, no campo internacional, souberam honrar esta imortal nação.

Os tesouros artísticos acumulados no Itamaraty mereceram também do notável escritor análise percuciente e brilhante.

A leitura da importante obra oferece elementos para a respeitosa admiração dos coevos pela boa condução dos negócios estrangeiros no benemérito reinado de D. Pedro II, cuja tradição foi retomada pelo Segundo Rio Branco nos primeiros anos da República, de que é o vulto mais excelso. — **M. A. A.**

A ABOLIÇÃO NO CEARÁ — Raimundo Girão — Fortaleza — 1956. — Raimundo Girão é uma das mentalidades mais lúcidas e eficientes da atual geração de escritores cearenses. A obra que vem realizando, com percuciência e denôdo, fá-lo impor-se à consideração dos que têm consciência do significado da vida de nossa terra, na sua ascendente marcha evolutiva, através dos magnos acontecimentos que caracterizam a fibra de um povo heróico e forte.

À margem dos seus estudos sócio-econômicos em que desvenda o aspecto brasileiro das finanças públicas e outros fenômenos correlatos — deve-lhe a historiografia conterrânea serviços de monta, tanto à genealogia e biografia como à história pròpriamente dita. Em — «O Ceará» — (em colaboração com Antônio Martins Filho) — há um manacial de primeira ordem; em — «História Econômica do Ceará» — firma-se uma análise perfeita, com subsidios valiosos que trazem forte luz ao panorama descrito; «Três Gerações» — são ensaios que focalizam facêtas das nossas letras, sobressaindo o estudo sôbre Papi Júnior tão parcamente visto anteriormente; outros volumes interessantes enriquecem ainda a sua bibliografia, sem esquecer a «Pequena História do Ceará», a mais atualizada das que têm vindo a lume, em nossos dias.

Dá-nos, por último, êsse esplêndido livro — «A Abolição no Ceará» — que é uma verdadeira epopéia à arrancada cívica que culminou com a redenção da raça escrava em nossa terra, com antecipação de quatro anos da Lei áurea de 1888, que, lavou, em todo o país, a mancha ignominiosa. A leitura dêsse livro faz-nos conhecer plenamente a pugna heróica de que tanto nos orgulhamos como um dos nossos feitos mais empolgantes e dignificadores.

Em 23 capítulos se desdobra o livro numa atraente seriação de assuntos versados numa linguagem clara, fluente e elegante, sem preocupação de frases feitas: I — O Comércio d'Africa — II — As Tergiversações — III — O Negro no Ceará — IV — Os Pródomos — V — A Perseverança E Porvir — VI — «Os doze Apóstolos da santa causa» — VII — A Sociedade Cearense Libertadora — VIII — Os Dois Caminhos — IX — «No Porto do Ceará não se embarca mais escravos» — X — Os Primeiros Frutos — XI — O Libertador — XII — O 30 de Agosto — XIII — «A Sociedade libertará escravos por todos os meios a seu alcance» — XIV — José do Patrocinio no Ceará — XV — O Centro Abolicionista e as «Cearenses Libertadoras», — XVI — Rosal da Liberdade — XVII — Os cordéis de Apolo — XVIII — 24 de Maio — XIX — A Idéia Triunfa — XX — Le jour de Gloire — XXI — E tardou, ainda, o 13 de Maio — XXII — Os poetas da Abolição — XXIII — Informações biográficas — Apêndice.

Por aí se vê o folêgo da obra e a amplitude de conhecimetnos com que foi traçado e executado o plano dêsse livro que ficará doravante como um guia dos estudiosos dos nossos cometimentos históricos, constituindo uma das melhores conquistas de um espírito dinâmico e infatigável de larga visão dos problemas da crônica cearense, a que tem se afeiçoado com profunda devoção. Ficam-lhe aqui os nossos parabens. — **M. L.**

SUPERIORIDADE DA COLONIZAÇÃO PORTUGUÊSA NOS TRÓPICOS — Fortaleza — 1956. — José Cláudio de Oliveira, professor catedrático do Instituto de Educação Justiniano de Serpa, publicou, no ano passado, a sua tese

de concurso intitulada «Superioridade da Colonização Portuguêsa nos Trópicos». É um volume de sessenta páginas, em que o jovem escritor se reporta ao periodo mais dilatado da história nacional, desde o descobrimento até os dias da transmigração da Família Real de Bragança para o Rio de Janeiro. Anlisa, a seguir, a vida social e econômica do Brasil colonial e a obra do português, o seu trabalho gigantesco e a sua influência inapagável na vida desta Nova Lusitania. Põe em relêvo a unidade politica do território, para êle consequência da unidade linguistica e da unidade religiosa, louvando a final o esforço de gerações dos sucessores de Martim Afonso e de Manuel da Nóbrega. Sem dúvida, o opúsculo aludido, escrito com amor ao passado e o espírito da verdade, é de leitura agradável e representa interessante contribuição para os estudos do seu gênero. — **M. A. A.**

O JURI NO BRASIL E A NECESSIDADE DE SUA REFORMA. — Imprensa Universitária do Ceará — 1956. — A Imprensa Universitária do Ceará publicou, há mêses, e erudito trabalho de Osvaldo de Aguiar, «O Juri no Brasil e a Necessidade de sua reforma».

O conhecido intelectual, que já ocupou o cargo de Procurador Geral do Estado, dá mostras, nas páginas do aludido opúsculo, da cultura geral e jurídica de que é possuidor, de par com a segura orientação que imprime a seus estudos.

Insurge-se o ilustre escritor contra a malfadada soberania do juri, combate a tese absurda dos direitistas retóricos que vêem nêle uma consequência necessária dos regimens democráticos sem auscultarem a realidade social nos dias correntes, exalça as excelências da legislação estadonovista a respeito e preconiza para a secular instituição um sistema inspirado no passado recente, quando os postulados da defesa social não foram suplantados por idéias obsoletas e opostas ao real interêsse público.

A profundeza dos conceitos, a bibliografia citada e a beleza da forma são dignos dos melhores encômios.

Há, no texto, observações de subido valor, verdadeiras sentenças morais, como quando assinala o autor, a propósito da apuração do mérito, pelos órgãos competentes, que «muita vez, os mais probos e mais aptos, por serem modestos e retraídos, perdem-se na turbamulta dos desonestos e dos nescios, ficando relegados a plano inferior e inteiramente postos à margem das funções constitutivas de serviços públicos de alta relevância».

Jurista de nomeada e festejado homem de letras, Osvaldo de Aguiar não surpreende a ninguém com essa sua monografia, escrita a pedido da Comissão de Juristas da Faculdade de Direito do Ceará incumbidos de colher sugestões atinentes à reforma da Constituição Brasileira, pois a sua atuação no Tribunal de Justiça, como Chefe do Ministério Público cearense, foi, sem contestação, brilhante e eficiente. — **M. A. A.**